



Subsídio de Formação Franciscana

CONFERÊNCIA DA FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL
REGIONAL MINAS GERAIS

Ano II – nº 7 – Junho/Julho de 2021

Simpósio Antoniano 1220-2020/2021 800 anos dos mártires do Marrocos e da Vocação de Santo Antônio

Apresentação

Irmãos e irmãs,
Paz e bem.

No dia 15 de maio foi realizado o Simpósio Antoniano em parceria com o Instituto Santo Tomás de Aquino, de Belo Horizonte, a Província dos Frades Menores Capuchinhos de Minas Gerais e o Colégio Santo Antônio, de Belo Horizonte. As motivações foram os 800 anos dos frades mártires do Marrocos e da vocação de Santo Antônio. Participaram deste Simpósio irmãos e irmãs das Três Ordens de vários estados do Brasil e demais irmãos leigos e religiosos. Agradecemos às instituições parceiras e a todos os que puderam participar deste momento formativo, celebrativo e fraterno.

Diferentemente dos esquemas anteriores do nosso Subsídio de Formação Franciscana, como fruto deste Simpósio, compartilhamos o precioso material elaborado pela nossa irmã Anamaria Camargos sobre a Iconografia Antoniana. Que seja este material fecundante do conhecimento e do amor à nossa Espiritualidade Franciscana e ao testemunho deste nosso irmão Antônio.

15/05 - Sábado | das 14h às 18h

SIMPÓSIO ANTONIANO
1220 | 2020/2021

800 anos dos Frades mártires do Marrocos
e da vocação de Santo Antônio

Inscreva-se!

Realização:
 ista Instituto Santo Tomás de Aquino

Instituições Parceiras:
 CFFB Minas Gerais
 Franciscanos Capuchinhos Minas Gerais
 COLÉGIO SANTO ANTÔNIO

Imagem de Santo Antônio (Anamaria Camargos) - Igreja Católica - 1887 - c. 1888 (Venda) - 2000 (Acervo de Paulo, 1975-18, c. 18. Centro Franciscano de Minas)

Fraternalmente,

Fr. Glaicon G.
Rosa, OFM Cap
Coordenador
Regional CFFB Minas
Gerais.

Iconografia Antoniana¹

“Desde os mais remotos tempos, o homem registra sua história por meio de signos linguísticos e de imagens. A relação entre textos e imagens virtuais é parte da tradição artística e literária do homem.” (ÁVILA, Cristina. 2016)

A imagem atrelada a um cariz devocional adquire um estatuto, uma dimensionalidade ampliada; expressa uma grande diversificação de aspectos socioculturais, religiosos, de costumes, tradições, em contextos históricos diferentes ao longo do tempo. Sobretudo na imaginária religiosa, a iconografia atua como um meio descritivo, interpretativo da imagem, possibilita a formulação de referências que classificam e explicam os elementos da representação, a compreensão da simbologia presente nas figurações, permitindo sua leitura através de modelos assimilados culturalmente.

O ícone, ou símbolo, sintetiza em sua imagem os significados de uma ação, objeto ou personagem. É um processo que, evidentemente, depende das referências culturais, temporais, das experiências vivenciadas que trazem familiaridade com os objetos e ações representadas. Se é verdade que uma imagem vale mais do que mil palavras, é fato, também, que são muitas vezes empregadas uma infinidade de palavras para interpretar uma imagem. Quando a imagem cumpre uma função religiosa, mística, guarda em si uma simbologia expressa em cada forma, cor ou símbolo impresso.

Mais comumente, Santo Antônio é representado como um homem jovem, trazendo como atributos, ou ícones: a cruz, o lírio, o livro e a figura do Menino Jesus. Além de sua caracterização como um franciscano, apresentando tonsura, pés descalços ou com sandálias de tiras, trajando túnica marrom em forma de cruz, de mangas compridas, capuz triangular, o cingulo atado à cintura com os três nós, simbolizando os votos perpétuos de pobreza, obediência e castidade; preceitos, estes, associados às virtudes teológicas da fé, esperança e caridade.

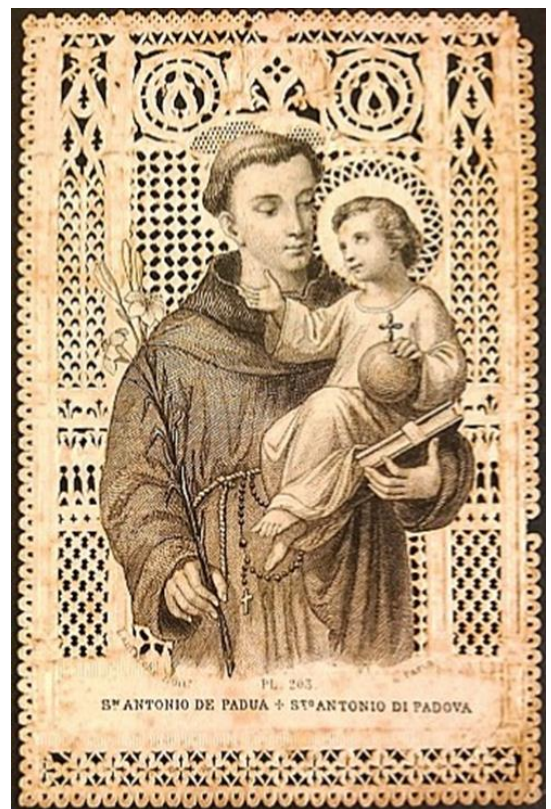
No estudo da iconografia das imagens, o “hábito faz o monge”, auxilia na identificação das ordens, congregações religiosas a que as figuras representadas estão ligadas. A cor marrom do hábito franciscano está associada à humildade, palavra originada do latim *humus*, se referindo ao chão, o que está abaixo, à terra; esta, associada como um elemento onde toda matéria se refaz, se transforma em algo novo. No Capítulo da Ordem Franciscana realizado em 1895, em Assis, o Papa Leão XIII instituiu a cor marrom como

¹ Artigo elaborado por Anamaria Camargos. Conservadora Restauradora de Bens Culturais Móveis, graduada em 2013 pela Escola de Belas Artes da UFMG. Pós-graduada em História da Arte Sacra, em 2018, pela Faculdade Arquidiocesana Dom Luciano Mendes, em Mariana. Ano em que também se insere como pesquisadora junto ao Projeto "O acervo em marfim luso-afro-oriental no Brasil: pesquisa introdutória nos acervos em Minas Gerais", realizado conjuntamente entre a UFMG e a Universidade de Lisboa. Pesquisa que levou ao estudo da imaginária em marfim representando Santo Antônio nas Minas dos séculos 18 e 19, desenvolvida atualmente junto ao mestrado iniciado em 2019, na Escola de Arquitetura da UFMG. Pós - graduanda no curso de especialização em Gestão do Patrimônio Cultural, no Instituto Federal de Minas Gerais, em Ouro Preto. Contato: anamariacamargos@gmail.com

padrão para todas as famílias da Observância. Os hábitos podem ser representados também nas cores cinza, castanho ou preto.

Vamos aos atributos mais recorrentes, que nos permitem identificar uma imagem representada como Santo Antônio, e uma breve abordagem de sua significância.

- O Menino Jesus: sua presença faz alusão ao milagre de sua aparição à Santo Antônio, mostrando a profunda ligação espiritual entre ambos. Traz Jesus feito criança, como todos os homens um dia, o Verbo Encarnado; um dos mistérios que os movimentos hereges, combatidos por Frei Antônio, questionavam fortemente.
- A Cruz: símbolo reconhecido universalmente, esse elemento é incorporado nas representações religiosas como simbologia do Cristo a partir do século IV; associada inicialmente à árvore da vida, que trazia em si o poder milagroso da cura de todos os males e até mesmo de ressuscitar os mortos. Foi gerada a crença de que o Santo Lenho era originado desta árvore. Ao longo dos séculos, as representações da crucificação e paixão de Cristo se impuseram, lembrando aos fiéis seu significado como o amor divino, o sacrifício entregue pela salvação da humanidade.
- O Lírio ou Açucena: traz o simbolismo da pureza, castidade, da luz divina, caracterizada por sua cor branca. Há referências a esta flor desde o Antigo Testamento, como um símbolo de eleição. Mateus e Lucas também relatam, na passagem do Sermão da Montanha, a deferência feita por Jesus à beleza desta flor, como que seriam vestidas de glória.
- O Livro: este pode ser figurado aberto ou fechado, a representação do livro da vida, que só pode ser decifrado através do pensamento crístico; justamente aquele que aparece colocado sobre ele, como um Menino, a representação da alma mais pura, o coração inocente. Este elemento é um atributo dos Doutores da Igreja e dos Diáconos. Na Legenda Maior, escrita por São Boaventura sobre a vida de São Francisco no século XIII, Santo Antônio é colocado como um grande arauto do Evangelho. A imagem do livro ressalta sua sabedoria, sua erudição.

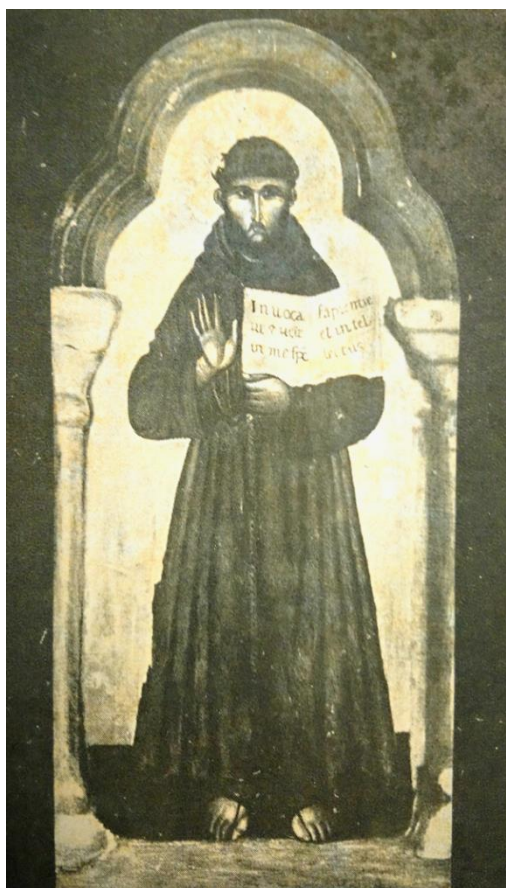


Fonte: Museu de Lisboa

As representações imagéticas sobre a vida dos santos são formuladas a partir de sua hagiografia, literatura produzida sobre suas vivências e feitos milagrosos. Estas narrativas são tratadas como referências históricas e documentais, recebendo acréscimos e revisões críticas ao longo do tempo. No período da Idade

Média, a hagiografia era um gênero literário bastante popular, servia às datas comemorativas dedicadas aos santos, festas religiosas e peregrinações. As lendas traziam um forte apelo persuasivo, recitadas com a intenção de maravilhar os fiéis com as virtudes dos santos, que deveriam ser contempladas e imitadas. A intercessão dos religiosos era fundamental nestas narrativas, uma vez que a maior parte da população era iletrada. Ao longo do tempo, esses relatos vão perdendo crédito, em decorrência dos exageros colocados; a exemplo da *Legenda Áurea*, escrita pelo Arcebispo Jacoppo de Varezze, publicada no século XIII.

As primeiras lendas escritas sobre a vida de Santo Antônio, no século XIII, apresentam impressões mais próximas à espiritualidade cultivada entre os franciscanos na época. A *Legendae Assidua*, a primeira delas a ser publicada após a canonização de Santo Antônio, em 1232; é considerada a mais significativa, sendo uma referência para as que foram escritas posteriormente. Seus relatos apresentam maior veracidade com os fatos ocorridos no período, em função de sua datação. A última, de uma série de nove publicadas durante o período medieval pela Igreja, é a *Legendae Benignitas*, escrita no século XIV.



Inicialmente, as pinturas figuravam Santo Antônio bem diferente da descrição trazida acima. A representação colocada ao lado foi produzida na segunda metade do século XIII, mais contemporânea ao santo e uma imagem bem mais coerente com a vivência mendicante na época. É colocado em um nicho, ladeado por colunas que sustentam, dão força à sua presença, denotando sua importância. O santo é apresentado de barba e bigode, simbolizando o abandono da vaidade. A figura tem os traços do rosto bem marcados, trazendo a impressão de magreza, reafirmando sua pobreza, sua humildade. Os gestos bem contidos transmitem a mensagem de forma clara, a mão espalmada em bênção e o livro aberto revelando a palavra. Fonte: Armando de Mattos, 1937, p.7

O afresco de Giotto, realizado na Basílica de Assis em fins do século XIII, traz a cena em que Frei Francisco aparece entre os irmãos que participavam do Capítulo da Ordem em Arles, justamente no momento em que Frei Antônio proferia um sermão sobre Jesus de Nazaré. Francisco e Antônio são os únicos personagens colocados de pé na imagem, marcando sua importância, reforçada pelas auréolas representadas sobre suas cabeças. Frei Francisco aparece abençoando a todos com os braços abertos, em frente à porta central do cômodo, numa alusão ao próprio Cristo, a porta da salvação; além do acontecimento do fenômeno da bilocação. Os irmãos assentados usam túnicas de cores diferenciadas, indo do cinza ao pardo, mostrando a reunião de famílias vindas de partes diversas reunidas sob as bênçãos dos santos. A cena se abre como uma janela ao observador, que acompanha

a narrativa interpretada por Giotto, a partir da Legenda Maior como um referencial iconográfico e das orientações dos encomendantes. Santo Antônio é figurado como um homem corpulento, uma imagem mais humanizada, diferente da representação idealizada trazida séculos a frente.



Aparição de São Francisco no Capítulo de Arles

Giotto di Bondone –
c. 1290/1300,
Basilica de São Francisco de Assis

Fonte: CÉZAR,
Adriano. 2019, p.72

Na representação pictórica italiana de fins do Quatrocentos, é figurado o tema da entronização dos santos por Nossa Senhora e o Menino Jesus. Santo Antônio e São Francisco estão colocados frente a frente, como se fossem a projeção um do outro, bem próximos ao trono da Virgem. São Francisco se encontra ao lado do Menino, repetindo a mesma impositação da mão direita deste, em gesto de bênção. As mãos trazem os estigmas e sua tonsura tem um corte frontal, o referenciando como um fundador de ordem. Santana e São Joaquim são figurados nas laterais do trono, uma representação iconográfica da Sagrada Parentela. Os rostos dos santos se mostram magros, ressaltando sua vida de sacrifícios, trazendo ainda a simbologia do tipo de religiosidade cultivada neste período da Idade Média. São Bento e Santo Inácio, ambos fundadores de ordens, também aparecem representados na imagem com seus atributos característicos.



A entronização dos santos por Nossa Senhora e o Menino - Alvise Vivarini, Veneza, 1480

Fonte: www.gallerieaccademia.it

As representações de Santo Antônio tomam maior impulso em Portugal no século XV, período em que seu culto alcançou maior reconhecimento em função da chegada de suas relíquias a Lisboa. No mundo luso, o caráter milagreiro de Santo Antônio vai receber maior ênfase. Portugal guarda uma forte tradição medieval na vivência da religiosidade, incorporando mesmo muitas tradições pagãs à devoção antoniana.



Enquanto que, Santo Antônio de Pádua, tem em suas representações a afirmação do grande pregador, profundo conhecedor e propagador do evangelho, a “Arca do Testamento”.

A pintura colocada abaixo apresenta o santo com características muito diferentes das observadas a partir do século XVII. Com feição mais humanizada, aparece com o tradicional hábito franciscano, segurando o livro com o Menino sobre ele. O santo e o Menino olham para a mesma direção, tendo a cruz a frente deles. Provavelmente, essa imagem guarda maior semelhança com a figura de Frei Antônio, descrito como um homem de rosto arredondado, que sofria de hidropsia.

Santo Antônio e o Menino - Século XVI

Fonte: Museu Nacional de Arte Antiga

Há uma profusão enorme de milagres atribuídos a Santo Antônio ao longo do tempo, assim como suas narrativas imagéticas. A representação de um dos milagres mais emblemáticos atribuídos a Santo Antônio, o Sermão aos Peixes, ressalta suas qualidades como grande pregador, transmitindo o evangelho de maneira acessível a todos, se apoiando na humildade, fé e perseverança para apaziguar as contendas, mas com uma postura firme diante dos desafios que se colocavam. Uma figuração que reforça seu intuito de se colocar em missão, qualquer que seja a adversidade.



Santo Antônio pregando aos peixes - Garcia
Fernandes, c. 1540

Fonte: Museu Nacional de Arte Antiga

Diante da falta de pessoas presentes para sua pregação, tentadas pelas distrações oferecidas pelos hereges em Rimini, se retira em oração para a beira do mar e decide transmitir suas palavras aos peixes, que lhe ouvem com toda atenção. Os peixes são o símbolo crístico mais primitivo, vivem na água, fonte da vida e, pelo fato de não sangrarem, são considerados um alimento puro. Na ocasião, somente eles tiveram a pureza de reconhecer a importância das palavras de Frei Antônio. Ao presenciarem o acontecido, as pessoas encantadas com a visão foram se juntando para acompanhar a pregação, conseguindo Frei Antônio converter muitos adeptos da seita herege. A narrativa é colocada em cenas que se desenrolam em planos diferentes da perspectiva pictórica, cada um deles com sua simbologia; tendo Frei Antônio colocado em destaque.

A história do “Pão de Santo Antônio” tem sua origem no relato de um milagre atribuído a Frei Antônio, quando distribuiu os pães do convento aos pobres e o irmão responsável pela despensa, assustado, acreditou que tivessem sido roubados. Frei Antônio pede

a ele que confira se os pães realmente sumiram, no que o irmão encontra uma grande quantidade do alimento, podendo manter o convento e levar até os necessitados.

O simbolismo do pão é trazido como o alimento do espírito, um símbolo eucarístico, que é distribuído aos pobres, crianças, mulheres, idosos; um banquete espiritual. A necessidade do pão aqui não está associada somente à pobreza. Uma mulher colocada em destaque na cena, bem vestida em traje vermelho, uma cor de distinção, também busca esse alimento. A figura feminina é colocada de pé em um degrau mais largo que os outros, mas já deu alguns passos em direção a Frei Antônio, lhe estendendo o



braço. Ele olha diretamente para a mulher, lhe entregando o pão, a acolhendo num gesto de amparo.

A aparição da Virgem Maria e o Menino a Santo Antônio é outro fenômeno significativo nas representações imagéticas. A narrativa da Sagrada Conversação demonstra a afinidade espiritual entre eles, o Santo colocado entre o céu e a terra, estabelecendo uma ligação, uma ponte entre o divino e os homens; a transmissão da palavra vinda dos céus a Santo Antônio, e deste para a

Santo Antônio de Pádua distribuindo pães - Willem van Herp, século XIX

Fonte: nationalgallery.org.uk

humanidade. Nossa Senhora é quem abre a porta para a encarnação do Verbo; o Menino é o próprio Verbo Encarnado, e ambos vêm compartilhar com Santo Antônio a luz da palavra evangelizadora. Além disso, a figuração reforça a forte ligação dos franciscanos com a Virgem Maria.



A Visão de Santo Antônio - Antoon Van Dick, 1629

Fonte: wikiart.org

A invenção da imprensa e o aprimoramento desta técnica vai viabilizar uma grande profusão de imagens e escritos, popularizando seu acesso. À habilidade dos artífices, se somaram os modelos iconográficos e os cânones difundidos justamente por meio das gravuras, dos manuais produzidos, livros de horas, imagens religiosas, entre tantas outras referências que circularam, condicionadas pela ideologia tridentina. Impressos com a imagem de santos eram encomendados como cumprimento de promessas e distribuídos, como se faz até a atualidade. Esses papéis eram dobrados e levados junto ao corpo, como amuletos de proteção, em pequenas bolsas com cordões pendurados no pescoço ou preso às roupas, colocados em oratórios domésticos, na cabeceira da cama; enfim, adquiriam uma presença íntima, cotidiana junto aos fiéis.



Gravura portuguesa que se encontra no *Ho Flos Sanctorum em lingoagem portugues. Lixboa, per Herman de campis bombardeiro delrey. e Roberte rabelo. 1513*

Se trata, provavelmente, da primeira gravura do santo impressa em Portugal.

Fonte: MATTOS, Armando. Porto: 1937, p.11

Na publicação de Armando Mattos (1937), é citado que o século XVIII foi o período maior da produção de gravuras em Portugal, com uma imensidão de registos abertos com representações de Santo Antônio. Essas imagens foram reproduzidas em frontões de azulejaria, na imaginária religiosa, ex-votos, pinturas, tendo grande circulação em todo o território luso colonizado ao longo do processo de expansão ultramarina.

Aparição da Virgem com o Menino a Santo Antônio

Francisco Vieira de Matos, Vieira Lusitano – 1729

Fonte: Museu Nacional de Arte Antiga



Aparição da Virgem com o Menino a Santo Antônio, meados séc. XVIII

Fonte: Museu de Lisboa

Um interessante fenômeno que caracteriza a popularidade da devoção antoniana e sua relevância como o protetor em todas as horas, é sua representação como Santo Antônio Militar. A força combatente de Santo Antônio às heresias, por meio de discurso cristianizador, foi corporificada pelos militares no período colonial, não somente em Portugal e Brasil, mas também em outras regiões europeias. O papel dado a Santo

Antônio com militar teve um forte intuito político, frente aos conflitos instaurados pela União Ibérica e as investidas de ocupação francesa e holandesa ao litoral brasileiro. O santo tinha direito, inclusive, a soldo, o que ampliou sua presença junto aos templos, suas festividades e devoção; recebendo muitas promoções de patente ao longo do período em que essa tradição se manteve. Sua imagem era levada às frentes de batalha e foi, inúmeras vezes, condecorada.



Santo Antônio do Convento do Rio de Janeiro condecorado com Cruz de Ouro. Reprodução em gravura da imagem que acompanhou Regimento de Infantaria Nº 19 na Guerra Peninsular de 1810 a 1814.

Fonte: SOARES, José Carlos Macedo, 1942, p.42

Trazendo nosso tema de abordagem para a imaginária devocional, é importante registrar que a iconografia foi um meio bastante eficaz de propagação da doutrina católica ao longo dos séculos XV a XIX nos territórios colonizados pelos portugueses. A imaginária devocional foi uma das formas de expressão artística mais importante do período Barroco.

Aliada ao discurso catequético, a imagem fixa a mensagem e traz o entendimento; sobretudo frente a populações que eram, muitas vezes, iletradas. Ou mesmo em função das diferenciações linguísticas. A catequese dos povos colonizados se valeu, enormemente, do recurso da imagem e teve sua produção incentivada em grande quantidade, atendendo as demandas da ideologia tridentina. Em sua 25ª Sessão, o Concílio de Trento promulgou normativas sobre as representações imagéticas, as inserindo em um programa ideológico voltado ao combate do avanço da Reforma Protestante, acentuando um caráter doutrinário na arte religiosa que será sentido até o século XVIII.

Os artifícios e encomendantes de obras deveriam, a partir de então, manter observância às orientações estabelecidas para a produção de representações voltadas ao culto religioso, que passariam pelo crivo da diligência eclesiástica. As representações iconográficas deveriam atuar como elemento de catequese, afirmação doutrinária e combate às heresias. A imagem adquire novas dimensões: deve ser ilustrativa, ensinar e tocar pela fé, prover a devoção do fiel, não suscitar dúvida e contemplar a beleza.



Santo Antônio e o Menino – Séc. XVIII

Fonte: Museu de Lisboa



Santo Antônio – Séc. XVIII

Fonte: Museu de Lisboa

Entre os séculos XVIII e XIX na região das Minas, a imaginária religiosa foi dos elementos artísticos mais significativos, com características muito próprias de representação. A apreensão dos cânones se dá através da observação e interpretação, buscando uma forma de expressão carregada de significados próprios, mas se atendo à iconografia das imagens. As Ordens Terceiras impulsionaram uma profusão de obras, sendo as grandes mecenas da produção artística e arquitetônica.

O culto a Santo Antônio nas Minas somente é precedido por Nossa Senhora da Conceição, invocação amplamente difundida pelos franciscanos. A veneração, trazida pelos primeiros bandeirantes a procura de ouro em fins do século XVII, foi transmitida por toda Capitania, incorporando os afetos devocionais lusos e mantendo os rituais de sua veneração, tendo irmandades de devoção detentoras de altares em muitos dos templos, muitas matrizes erigidas em seu louvor.



Santo Antônio de Pádua, 2ª metade séc.XVIII – Mestre Barão de Cocais / MG

Fonte: Devoção e Arte, 2005, p.203

As representações de Santo Antônio foram produzidas a partir de materiais vários, em leituras que guardam maior ou menor apuro técnico, mas se atendo aos cânones iconográficos.



Santo Antônio de Lisboa –
Séc.XVII

Marfim

Fonte: Museu de Lisboa



Santo Antônio, 1º quartel -
Séc.XVIII

Prata

Fonte: Museu Nacional de
Machado Castro





Toni Malau – Séc. XVII

Fonte: Museu de Lisboa



Santo Antônio da Boa Sorte – Séc. XIX

Fonte: Museu de Lisboa

As singularidades ligadas ao culto das imagens, a algo transcendente e venerável, são capazes de caracterizar tradições cunhadas ao longo do tempo. O estudo da iconografia nos fornece informações importantes sobre costumes, a interpretação da espiritualidade e cultura das sociedades. É como uma chave, que nos permite adentrar em universos que muitas vezes já não fazem parte de nosso cotidiano, mas que podem seguir dialogando de alguma forma conosco; nos ajudando a entender o precioso sistema de valores que nos trazem, contando sua história, nos inspirando através da conexão que estabelecem com sua memória.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Célio Macedo. *Um Estudo Iconográfico* In: COELHO, Beatriz. (Org.) *Devoção e Arte: Imaginária Religiosa em Minas Gerais*. São Paulo: Edusp, 2005. p.69-121
- ARGAN, Giulio Carlo. *Imagem e Persuasão: ensaios sobre o barroco*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004
- ÁVILA, Cristina. *A Palavra no Espelho: os reflexos da imagem no Barroco Mineiro*. Belo Horizonte: ICAM, 2016
- AZEVEDO, Carlos. *Variante iconográficas nas representações antonianas*. Lisboa: Revista CHAM Nº 27, 2010
- CAMARGOS, Anamaria L. *As representações de Santo Antônio em marfim no território das Minas Gerais nos séculos XVIII e XIX*. In: *Anais do IV Seminário de Pesquisa em Pós-Graduação e Inovação "Travessia : ampliando olhares sobre paisagem, patrimônio e tecnologia"*. Belo Horizonte: Escola de Arquitetura / UFMG, 2019. p.151-164
- CAMPOS, Adalgisa, MORESI, Claudina, OLIVEIRA, Silvio, REZENDE, Leandro & NERES, Cristina. *De santo franciscano a capitão da cavalaria paga: a imagem de Santo Antônio da Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Ouro Preto e suas*

transformações artísticas no primeiro quartel do século XIX. In: Revista Imagem Brasileira Nº 6, p.140-150. Belo Horizonte: CEIB, 2011

CHEVALIER, Jean. *Dicionário de Símbolos*. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1988

COELHO, Beatriz. (Org.) *Devoção e Arte: Imaginária e Arte Religiosa em Minas Gerais*. São Paulo: Edusp, 2005

CONTI, Servílio. *O Santo do dia*. Petrópolis: Ed. Vozes, 2006

FACCHINETTI, Vitorino OFM. *Iconografia Franciscana*. Ed. Lega Eucarística, 1924

FLEXOR, Mª Helena Ochi. *O Concílio de Trento: As constituições Primeiras do Arcebispado da Bahia e a Arte Religiosa no Brasil*. In: Revista Imagem Brasileira Nº4, Belo Horizonte: CEIB, 2009. p. 13-20

FRONER, Yacy Ara. *O diálogo da imagem: a arte como emblema da sensibilidade colonial*. In: Revista Imagem Brasileira Nº4, Belo Horizonte: CEIB, 2009. p. 43-50

GOMBRICH, Ernest H.. *Los usos de las imágenes: Estudios sobre la función social del arte y la comunicación visual*. Fondo de Cultura Económica: México, 2003

LELOUP, Jean-Ives. *O Ícone: uma escola do olhar*. São Paulo: UNESP, 2006

MATTOS, Armando de. *Santo Antônio de Lisboa na Tradição Popular (Subsídio Etnográfico)*. Porto: Livraria Civilização, 1937

MOITA, Irisalva. *Museu Antoniano e Igreja de Santo Antônio à Sé*. Lisboa: Pelouro Cultura, 1991

MOITA, Irisalva. (Org) *O Culto de Santo Antônio na região de Lisboa*. Lisboa: Câmara de Lisboa, 1981

MOUTINHO, José Viale. *Ó Meu Rico Santo Antônio! O Taumaturgo na Literatura Popular*. Sintra: Colares Editora, 2007

NEMER, José Alberto. *A Mão Devota: Santeiros Populares das Minas Gerais nos Séculos 18 e 19*. Rio de Janeiro: Ed. Bem Te Vi, 2008

PANOFSKY, Erwin. *Significado nas artes visuais*. São Paulo: Perspectiva, 1979

PIMENTEL, Raquel R. *São Francisco de Assis - Santo Antônio de Pádua: Iconografia*. Monografia de Especialização IFAC: Ouro Preto, 1998

PORFÍRIO, J. L., MATTOSO, J., MOITA, I., CARVALHO, M. J., COSTA, S. V. *Santo Antônio: O Santo do Menino Jesus - Catálogo*. São Paulo: Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand, 1996

REMA, Henrique OFM. *O problema da data do nascimento de Santo Antônio* In: Revista Itinerarium Nº 154. Braga, 1996

SILVA, Cesar Tovar. *A Plasticidade de Santo Antônio: devoção, imagens e cultura barroca no Rio de Janeiro colonial*. Rio de Janeiro: PUC/RJ, 2010

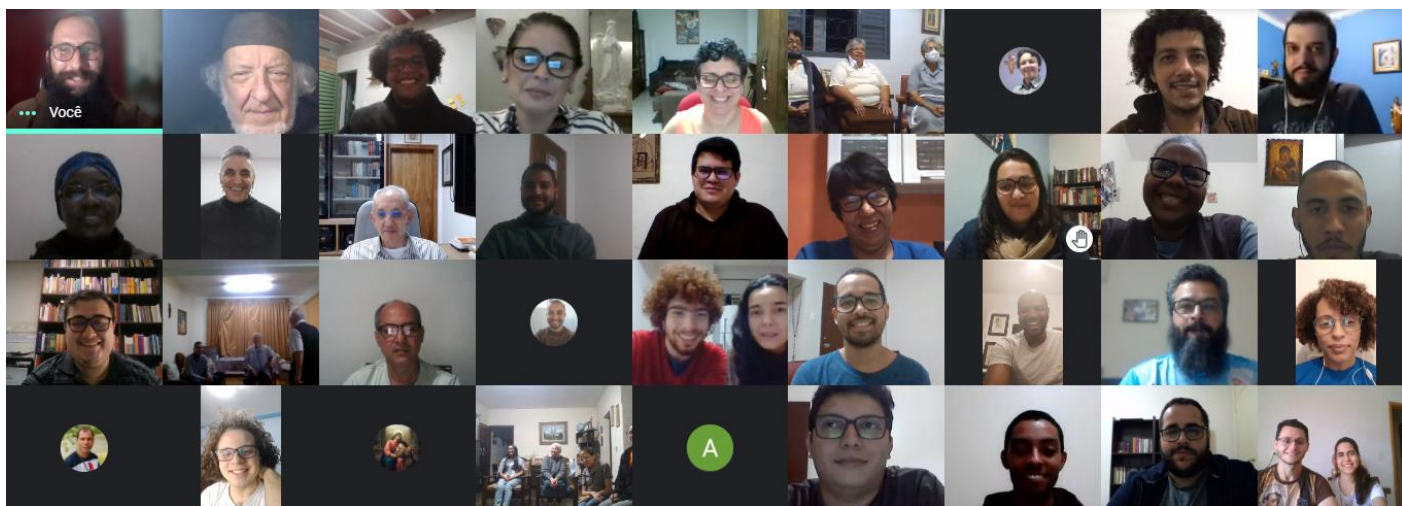
SILVEIRA, Idelfonso OFM. *Santo Antônio Popular*. São Paulo: Universidade de São Francisco, s/d

SINZIG, Pedro OFM. *O Taumaturgo Santo Antônio na História, na Lenda, na Arte*. Petrópolis: Centro Boa Imprensa, 1922.

SOARES, José Carlos Macedo. *Santo Antônio de Lisboa, Militar no Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1942

TEIXEIRA, Victor. *Iconografia Cristã*. Ouro Preto: FAOP, 2010

VAINFAS, Ronaldo. *Santo Antônio na América Portuguesa: religiosidade e política*. In: Revista USP, Nº 57. São Paulo: USP, 2003. p. 28-37



Alguns participantes do Simpósio Antoniano

Conferência da Família Franciscana do Brasil
Regional Minas Gerais
e-mail: cffbminas@gmail.com